

O IDEAL

(A ELITE VIMARANENSE)

REVISTA QUINZENAL, LITTERARIA E RECREATIVA

ASSIGNATURA		Domingo, 21 de Agosto, de 1892	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RUA DAS LAMELLAS, 49, GUIMARÃES
Serie de 24 numeros	600 reis		
» » 12 »	300 »		
» » 6 »	150 »		

O IDEAL

L'Idéal est le beau dans l'art
«Esthétique», Hegel.



IL—O, caro leitor. Vimos apresentar-t'ó submissamente.

Rogamos-te que o não leias com o preconceito da sua impopularidade e insignificancia, porque te dispões injustamente a negar lhe a sympathia que merece.

E' possível que as primeiras impressões te façam duvidar do nosso éxito.

E' mesmo provavel. Porque talvez julgues que o egoismo, a nota dominante da epoca angustiosa que vae correndo, deprecia o amor pelos prazeres dulcissimos do espirito; mas crê que te illudes.

E' inutil citar-te a auctoridade de Paul Bourget, ó fino observador.

Basta apenas que te recorde a fertilidade d'este anno em obras litterarias, em concorrência aos salons artisticos, em motivos fortes e vibrantes de poesia popular. E se uma das parcelas d'este phenomeno se deve attribuir á evolução intuitiva que se está effectuando, sobretudo na litteratura, os «dilletanti» verão que isso não é razão sufficiente d'aquella interessante lei artistica.

Portanto, leitor querido, estamos convencidos de que o illustre publico ha de acolher benevolmente «O Ideal»; e essemotivo, reunido a muitos outros, fortificará de certo a sympathia que a tua alma delicada sabe consagrar a quem, como nós, ergue um altar no templo augusto da arte, especialmente quando essa arte é a litteratura.

Porque a litteratura é de todas as artes a mais espiritualista, a mais analytical. Só lhe é comparavel a musica e apenas sob certos pontos de vista.

Póde haver quem hesite entre a trindade litteraria Goethe, Victor Hugo e Shakespeare, e a trindade musical—Mozart, Beethoven e Verdi.

Mas entre estas e a trindade plastica—Rembrandt, Miguel Angelo e Raphaël, ninguem ficará vacillante.

A litteratura tem a supremacia dominadora das coisas divinas. Não a litteratura industrial, na phrase pittoresca de Pinheiro Chagas, mas a litteratura desinteressada, a litteratura que realisa as concepções purissimas do espirito.

E nós, amavel leitor, adoptando á celebre formula *l'art pour l'art* dos criticos francezes, determinamos mais um motivo para captivar a tua protecção.

Oxalá a alcancemos!

*

Duas palavras ainda sobre o titulo recolhido.

O Ideal, na arte, não é o contrario do real: mas é o real purificado — escreveu Hegel com singular clareza no meio dos seus transcendentos idealismos e abstracções.

O nosso titulo não significa pois um regresso ás sentimentalidades enervantes das primeiras tentativas romanticas, e muito menos uma conciliação com as immoralidades da pornographya.

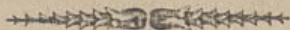
Accitamos todas as cacolas rasoveis. Ellas não se excluem; embora, como diz Junqueiro no prefacio do *Livro d'Aglais* de J. Brandão, a rhetorica dos homens de genio, cultivada pelos mediocres, porfie em fazel-o.

Ha innumerables bellezas desde o romantismo de Hugo e Loti até ao realismo de Zola e Tol-toi, e ao symbolismo de Stephane Mallarmé.

Não achas pois, leitor, que o nosso titulo represente um progresso na philosophia pratica da arte?

Veremos a tua resposta.

A REDACÇÃO.



ELLA...

Um dia julguei, meu Deus,
Ao fitar os olhos seus
Encontraria a esperanza,
A fé, n'aquella creança,

Onde a luz dos amor's meus
Seintillava sob mil ceus,
Onde a saudade descança
Tão gentil, mimosa e mansa.

Foi breve, fagueiro sonho
Que o peito tornou risonho
Sob o fulgor d'un momento.

Hoje, ella passa sorrinda,
Nao lembrando o amor infinto,
A' sombra do Esquecimento.

Guimarães—1892.

AUGUSTO ALEGRE.

OS POETAS DO AMOR

OS frescos que cobrem as paredes lateraes do Pantheon de Pariz foram, como é sabido, pintadas por Chenavard. Toda a historia moral da humanidade está lá escripta plasticamente.

O quadro em que o artista-philosopho desenhou os poetas italianos da Renascença debuxa-o Th. Gautier da maneira seguinte, no seu primoroso livro *L'Art Moderne*:

«N'uma campina bella e risonha das margens do Tibre estão pintados os poetas da Renascença».

«Dante, inclinado sobre o corpo de Beatriz morta, representa o amor doloroso que se nutre de saudades e da esperanza da outra vida, o amor abstracto, ideal, theologico por assim dizer, em que o ser adorado parece antes a personificação da virtude divina do que uma mulher que realmente tenha atravessado este valle de miserias. Petrarca, a passear com Laura, symbolisa o amor, puro ainda, refinado pelas subtilidades platonicas, mas sensivel á belleza e procurando a felicidade da posse atravez das reticencias dos sonetos. Boccacio, muito junto de Fiametta, com a alegre companhia do Decameron, conta uma das suas jovias historias».

«Dante é amor da alma, Petrarca o amor do coração, Boccacio o amor dos sentidos.»

Guimarães.

FRA-DIAVOLO.

Um certo escriptor, pintando uma mulher, disse: ella tem uma fronte de marfim, olhos de saphira, cabellos d'ebano, faces de rosa, uma bocca de coral, dentes de perola e um pescoço de cysne.

A. Karr commentou: ella só p'de causar desjos a um ladrão, e rir a um temperamento amoroso.

A AVÓSINHA

Eil-a! as cans de neve pura,
Fronte crestada e rugosa.
Inda a campã não procura
Porque embora seja amosa,
Sente r'ja a musculatura,
Sente-se enfim vigorosa.

V'g'a as netas de noite
(Quer caçal-as na esparrela)
P'ra que alguma não se afoite
A... a ficar á janella
Pois talvez ali se acote
Quem pretenda raptar ella.

Ao vel-a com ar sisudo
Gritam todas agastadas:
Quer metter nariz em tufo?
Ora vá... tomar pitadas;
Só um cego surdo-mudo
Pode soffrer taes maçadas.

Pobre velha que as atura!...
Nem sendo duplice mãe
Acriticam que procura
Encaminhal-as p'ra o bem...
Da moçidade a loucura
Não tem regime, não tem.

ALBANO BELLINO.

Uma rapariga não perde o seu bom
nome quando um bello rapaz lhe dá outro
melhor.

G. SAND.

FELICITAÇÃO

(NA PETALA D'UM LYRIO)

O' doces cotovias que cantaes
N'uma manhã d'abril serena e bella,
Ide sandar a minha namorada
—Hoje no dia anniversario d'ella—
1892.

ALBINO BASTOS.

Amar uma mulher é amar a idea que
d'ella forma o nosso coração.

P. BOURGET.

PERFIDIA

M... P...

Alta, bem feita, aprumada,
Um bijou cheio de luz,
Bilha de noite, de dia,
E a todos, meu Deus, seduz.

E quando a face rosada,
No jardim ou na janella,
Alguem fita, logo diz:
Realmente é bella... bella!

Os olhos são d'azeviche
E tanto é o seu brilhar,
Que nem sei como se possa
Fital-os sem desmaiar.

São tantos os attractivos
Que é bem difficil dizel-a
Eu mesmo confesso, sim,
Quereria sempre vel-a,

Na janella ou no jardim,
Alta, bem feita, aprumada,
Porte divinal, magestoso,
Face attraente, corada.

Onde mora isso não d'igo,
E quem será tambem não.
Tapa-me a boca o respeito
E a muita consid'ração.

Guimarães.

AUGUSTO ALEGRE.

Meia noite dada.
Que silencio triste
o-a não existe
pela encruzilhada!...

Quanta passarada
ao fr'o resiste,
e mesmo persiste,
mal agasalhada,

E contudo canta,
quando se alevanta
esta cerração...

Minh'alma não chora...
Fosses tu a aurora
no meu coração!

Guimarães.

RAUL CARDOSO.

Em historia as noticias circumstancia-
das não são verdadeiras á letra; mas são
verdadeiras n'um grau de verdade superior,
são mais verdadeiras do que a verdade nua,
porque são a verdade expressiva e fallante,
elevada á altura d'uma idea.

E. RENAN.

BOLETIM ELEGANTE

Desde o dia 21 do corrente, até ao
dia 4 de setembro fazem annos as exc.^{mas}
sr.^{as}:

D'a 22—D. Guiomar Amelia Rodrigues
Almeida.

Dia 23—D. Emilia Augusta de Mattos
Chaves

D'a 30—D. Rosa Alves Lemos.

O bem, o bello e a verdade são as luas
do nosso espirito. Erguem o mar do pen-
samento, como o satellite da terra ergue
o ocean.

G. JUNQUEIRO.

HORAS D'OCIO

CHARADAS NOVISSIMAS

No Brazil os deuses infernaes são sacer-
dotes—1—2

O instrumento afflige o perdulario—2
—1

Teem-as um animal que é herba —2—2

Prende a farsa o engenho —2—2

A pedra zumbava da sciencia —3—2

Na cuscada o cesto só serve ao homem
ocioso —2—2.

Guimarães.

ADELINO LEMOS.

CHARADA

A' exc.^{ma} sr.^a D. Beatriz F. Igueiras

Eis aqui uma charada.
Que com certeza vai dar
Muito, muito que fazer
A quem a quizer matar.

Troque aqui, n'esta primeira,
Uma letra, não vogal.
Que achará depois da troca
Um brazilico animal.—2

Outra letra, na segunda.
Deve por favor trocar.
Que, depois da troca feita.
Outro animal ha-de achar.—2

Por conceito, dar-lhe-hei:
—Livro velho e volumoso—
Que certo dia encoitrei
N'um armario carunchoso.

Guimarães, 1892.

A. COSTA.

O nosso coração tem rasões que a razão
não comprehende.

PASCAL.

EXPEDIENTE

*A's damas e cavalheiros a quem
tomamos a liberdade de man-
dar «O Ideal» e que não quei-
ram honrar-nos com a sua as-
signatura, rogamos a distinta
fineza de o devolverem á re-
dacção no prazo de oito dias.*

*Aos collegas a quem dirigir-
mos o nosso jornal pedimos
a honra da troca.*

*Annunciam-se e faz-se a
critica das publicações litterarias
de que se receba um exemplar.*

*Todas as composições lit-
terarias enviadas á redacção
sejam ou não publicadas não
se restituem.*

A REDACÇÃO.

EDITOR RESPONSÁVEL

João J.